

Discurso proferido pelo auditor Flávio Lúcio Rodrigues da Silva, na solenidade de sua posse no TCE-GO, em 08/07/2010

Senhoras e senhores. Amigas e amigos, presentes ou não.

Aos cinco anos de idade proferi meu primeiro discurso, como 'Doutorando do ABC'. Desde então, nunca mais parei de falar em público, quer representando a mim mesmo, quer representando saudosas turmas.

Sabedor disso, tinha em mente que, chegado o momento de coroar toda uma vida profissional, seria fácil alinhavar as palavras com as quais expressaria a emoção que ora me toma. Ledo engano. Percebi que as palavras seriam poucas para dizer tudo o que sinto.

Ato contínuo, imaginei: bem, já que não consigo expressar toda minha emoção, talvez devesse falar de mim mesmo, ao menos pela delicadeza devida a um novo grupo ao qual me apresento.

Também falhei, pois como eleger umas poucas palavras para me qualificar, já que a verdade, com o tempo, ao se construir e reconstruir, altera significados?

Sou um amante das palavras, senhoras e senhores. Digo mais, da precisão das palavras. Porém não consigo imaginá-las eternas e imutáveis. Fosse assim, talvez ainda estivéssemos nos comunicando por monossílabos.

Qualificar-me, portanto, como apreciador do binômio liberdade-propriedade, ajudaria a revelar o meu lado político, mas não seria suficiente para dizer de minha preocupação com os mais fracos e com o ideal da igualdade, constructo humano que tanto nos diferencia dos demais seres e da própria natureza.

De outro modo, dizer simplesmente de meu apreço pelo mérito talvez fizesse parecer que atribuo ao academicismo valor maior do que atribuo à escola da vida, em especial à lição que ensina a diferença entre o saber e a sabedoria.

Naquilo que nos toca de perto, Sr. Presidente, também poderia dizer do meu credo na importância da função controle, mas isso seria pouco face ao respeito que nutro pelos agentes que, de boa fé, e tão somente os de boa fé, se lançam à gestão dos haveres públicos, pois sem eles nação alguma prospera.

Com toda essa dificuldade, minhas senhoras e meus senhores, acabei encontrando não nas palavras, mas no verbo, a melhor maneira para me expressar. Ora, se até no conhecimento capiau a fazenda só se faz fazendo, assim também deve ser a vida: um eterno fazer.

Nesse sentido, ao adentrar a história dos Tribunais de Contas, cujo início remonta às Casas de Contos oitocentistas, fruto da administração pombalina, consubstancia-se com a República, por obra de Ruy Barbosa, e hoje prossegue com o clamor próprio de uma sociedade em franco

desenvolvimento, espero que meu trabalho, nesta Casa, seja como o trabalho de um oleiro, que de tijolo em tijolo ajuda a construir o mundo.

Para tanto, rogo a todos que me recebam como um colega que muito tem por aprender. Se depender da delicadeza e do calor próprios do povo goiano, sei que será fácil consegui-lo.

Por fim, Sr. Presidente, minhas senhoras e meus senhores, peço licença para fazer alguns agradecimentos que me são imprescindíveis:

- ao Dr. Antônio Gomes de Oliveira, pela disposição em acompanhar toda a minha angústia desde a homologação do concurso até a nomeação.

- aos amigos.

- à minha mulher, por tudo aquilo que só um amor fraterno encerra.

- a Deus, a quem rogo que a todos ilumine.

- e, em especial, à minha mãe, a quem eu dedico esta conquista, por ter me ensinado a verdadeira riqueza, que é a da alma, e a quem, como filho, eu espero orgulhar.

A todos, meu muito obrigado.

Flávio Lúcio Rodrigues da Silva